

VARIAÇÃO DIACRÔNICA ENTRE JOVENS E IDOSOS EM UMA CIDADE PIAUIENSE: CONTRIBUIÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS

*DIACRONIC VARIATION BETWEEN YOUNG AND ELDERLY IN A PIAUIENSE CITY:
SOCIOLINGUISTIC CONTRIBUTIONS*

Axel Brendon Leal dos Santos

Universidade Federal do Piauí, Senador Helvídio Nunes de Barros, PI, Brasil. E-mail: a.17brendon@gmail.com

Juscelino Francisco do Nascimento

Universidade Federal do Piauí, Senador Helvídio Nunes de Barros, PI, Brasil. E-mail: uscelinosampa@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v1i3.51>

Recebido em: 04.10.2020

Aceito em: 18.12.2020

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar alguns dados referentes à variação diacrônica na fala de jovens e de adultos, na cidade de Ipiranga do Piauí, e destacar como se dá a construção de sentido das expressões porra, caralho e foda na fala desses informantes. A metodologia empreendida neste trabalho se deu por meio de um estudo bibliográfico, com base, principalmente, em Calvet (2003), Labov (2008), Guérius (1956), Martellota (2018). Fizemos, ainda, uma pesquisa qualitativa, com a aplicação de um questionário, a fim de obter, dos participantes, informações acerca do uso das expressões supramencionadas, além extrair informações a respeito dos seus ambientes de interação e se esse também se enquadrava como um dos fatores responsáveis pela variação. Concluímos, assim, que a variação entre esses grupos intensifica o preconceito linguístico entre eles, em virtude da falta de conhecimento relacionado à variabilidade e à heterogeneidade da língua.

Palavras-chave: Variação Linguística. Variação Diacrônica. Preconceito Linguístico.

Abstract: The purpose of this article is to present some data referring to the diachronic variation in the speech of young people and adults, in the city of Ipiranga do Piauí, and to highlight how the construction of the meaning of the expressions porra, caralho and foda occurs in the speech of these informants. The methodology undertaken in this work was based on a bibliographic study, based mainly on Calvet (2003), Labov (2008), Guérius (1956), Martellota (2018). We also carried out a qualitative research, with the application of a questionnaire, in order to obtain, from the participants, information about the use of the aforementioned expressions, in addition to extracting information about their interaction environments and if this also fit as one of the factors responsible for the variation. We conclude, therefore, that the variation between these groups intensifies the linguistic prejudice between them, due to the lack of knowledge related to the variability and heterogeneity of the language.

Keywords: Linguistic variation. Diachronic variation. Linguistic prejudice.



1 Introdução

Os primeiros contatos que temos com o termo *variação linguística* nos ampliam a visão para refletir sobre a dimensão que este conceito toma dentro da sociedade, pois, quando não temos conhecimento sobre a heterogeneidade da língua, podemos cometer o equívoco de prestigiar mais uma variedade linguística do que outras, colocando-as como inferiores e classificando-as como formas erradas de se utilizar a língua. Essa assertiva pode ser deduzida a partir das respostas dadas à questão: *por que é importante estudar a disciplina de língua portuguesa?*

A esta indagação, alguns dos falantes envolvidos na pesquisa afirmam que o conhecimento da língua serve para aprendermos a falar e escrever “certo”, quando, na verdade, não existe uma forma certa ou errada de falar. Logo, todas as línguas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem e “igualmente válidas como instrumentos de comunicação social, sendo inconcebível, portanto, afirmar que uma língua ou variedade linguística é superior ou inferior a outra” (LIMA, 1985); ou seja, a língua trata-se de um sistema linguístico convencionado socialmente, o que faz com que se torne um equívoco dizer que existem formas corretas ou erradas de se usar a língua.

Este mesmo equívoco pode acontecer também com palavras e expressões, já que, ao desprestigiarmos algumas variedades linguísticas, acabamos dando *status* a elas, que, em alguns casos, convencionam-se em nível social. Como exemplo, temos as palavras *porra*, *caralho* e *foda*, as quais observamos facilmente que, para alguns falantes, adquiriram *status* de palavrão, atribuindo a elas um valor obsceno e pejorativo; enquanto que, para outros, não denotam estes valores, além de serem comumente usadas em situações de interação.

Este pressuposto pode ser observado entre alguns grupos sociais, como jovens e idosos, que tratam e reagem a essas expressões de formas divergentes e, muitas vezes, essas reações condizem com o que Calvet (2002) já chama de *preconceito linguístico*, abrindo margens para a indagação: como estas expressões adquirem status de palavrão e tratadas com preconceito entre determinados grupos?

Compreendemos que a mudança de sentido de um mesmo signo, de acordo com o grupo social que o utiliza, dialoga com o conceito de *footing*, apresentado por Bortoni-Ricardo (2017), a qual se baseia em Goffman (2002/1965). Nesse cenário, o valor semântico de uma dada expressão pode variar de acordo com as mudanças nos enquadres de eventos; ou uma mudança no alinhamento que assumimos pra nós mesmos e para com os outros presentes.

Consideradas essas afirmações, entramos em consonância com teorias que embasam áreas como a sociolinguística e áreas afins, com o objetivo de identificar os fatores sociolinguísticos responsáveis pela construção de sentido das expressões citadas e, a partir desta identificação, observarmos como elas tomam sentido pejorativo, para, a partir daí, explorarmos a existência de ocorrências de preconceito linguístico e, quando for o caso, evidenciarmos os fatores, relacionados à área, responsáveis por este fenômeno entre os grupos sociais.

A assertiva acima será analisada a partir do entendimento de língua e opiniões dos participantes da pesquisa a respeito das expressões *porra*, *caralho* e *foda*, separando-os em dois grupos: aqueles que possuem uma idade mais avançada e que não utilizam comumente tais expressões em seu vocabulário; e outros mais jovens, os quais, em seus dialetos, utilizam as

mesmas expressões frequentemente.

Para explorarmos isto através de dados fáticos, buscamos ocorrências destas expressões nos falantes, que se enquadram nas características dos grupos citados, da região do município de Ipiranga do Piauí, no qual, segundo o IBGE (2018), estima-se que a população gira em torno de 9.782 habitantes, sendo considerado um município de baixo porte e novo, pois foi emancipado em 1960.

Para a concretização da pesquisa, seguimos uma abordagem qualitativa, pois, para compreendermos a construção do sentido que toma as palavras em um determinado grupo, devemos considerar o contexto em que ocorrem as interações.

O contexto será exposto, assim como os resultados da pesquisa, a partir da obtenção de respostas advindas da aplicação de um questionário aos dois grupos.

Em seguida, considerando os dados gerados, buscamos, mais especificamente, identificar os fatores sociais que influenciam na alteração de sentido das expressões citadas. Após essa identificação, observamos como essas palavras adquirem valores pejorativos e como estes fatores, junto a estes sentidos, fazem emergir o preconceito linguístico, por parte dos informantes sob análise.

Considerando que estas expressões podem adquirir *status* de palavrão, a pesquisa tem como pretensão mostrar que esta concepção se origina também da falta de conhecimento da heterogeneidade da língua e arbitrariedade dos valores semânticos das palavras por parte do falante, o que faz com que estes acabem, mesmo que de forma inconsciente, engendrando o preconceito linguístico. Além disso, ao tomar conhecimento desta assertiva a ser analisada, o falante pode se automonitorar a ponto de conhecer, respeitar e valorizar as demais variedades linguísticas junto à arbitrariedade dos valores semânticas das mais variadas expressões.

2 Referencial teórico

2.1 A sociolinguística

Para trabalharmos com a língua, tratando-a como instituição social, conceito saussuriano mostrado em Calvet (2002), devemos considerar que a ela é a parte social da linguagem; em outras palavras, sociedade e língua estabelecem uma forte relação, até mesmo quando tratamos da heterogeneidade de ambas.

Esta heterogeneidade é pouco considerada por parte dos falantes, pois as demais variedades e formas linguísticas são reduzidas a uma, por parte dos próprios indivíduos que a utilizam; podemos encontrar isto “em todos os falantes uma espécie de norma espontânea que os leva a decidir que forma deve ser proscrita, que outra deve ser admirada: *não se fala assim, se fala assado* etc” (CALVET, 2002, p.60); Em determinadas circunstâncias, algumas variantes podem causar o preconceito linguístico.

Não é de hoje que, em diversas áreas do conhecimento, nota-se a relação que há entre língua e sociedade; pois, segundo Martellota (2018, p. 147), Meillet (1926) foi um dos pioneiros a abordar os estudos sociolinguístico que, por sua vez, ao procurar uma explicação para as mudanças linguísticas na França, concluiu que toda “modificação na estrutura social acarreta uma mudança nas condições nas quais a linguagem se desenvolve”. Portanto, a história das

línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade.

Embora a discussão desta relação já venha de longas datas, o termo sociolinguística apareceu mais tardiamente. A grande virada aconteceu em aproximadamente em 1970, segundo Calvet (2002), o qual afirma que, neste ano, a sociolinguística passou a ser considerada importante, justamente no ano em que Erving Goffman, William Labov, entre outros, iniciaram publicações de artigos e revistas, especificamente sobre estudos na área.

Assim, a partir do momento em que o termo passou a ser aceito, ele vem evoluindo cada vez mais. Hoje, pode-se considerar que ela assume características de uma disciplina mais centralizada, pois se preocupa com a maioria, senão todos os aspectos que envolvem a comunicação verbal nas sociedades, levando em consideração a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais de uma dada comunidade.

Para Labov (2008, p. 215), essa área, “talvez seja rotulada mais adequadamente de *sociologia da linguagem*. Lida com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e dialetos”. Para o autor, a língua, como instituição social, varia de acordo com a sociedade em que ela circula, ao ponto de caracterizar os dialetos e a variação linguística.

Martellota (2018) afirma que as variações são inerentes à língua e que elas não são por acaso, mas são motivadas por fenômenos sociais. Por isso, considerá-las é importante para entendermos quais são os principais fatores que as motivam dentro do sistema linguístico, principalmente no que diz respeito à comunicação verbal.

2.2 Preconceito linguístico

A fim de tratar acerca do preconceito linguístico, Calvet (2002) aborda o tema trazendo um exemplo de pesquisa que consistiu em fazer gravações de um falante bilíngue para, em seguida, apresentá-las a jurados, como se fossem gravadas de duas pessoas diferentes. A partir daí, os jurados selecionados deveriam, através da voz, julgar, em uma escala de *muito pouco* a *muito*, as características das pessoas. Os resultados obtidos é que os jurados acabaram não avaliando as vozes, mas as línguas, permitindo, a partir desta análise, destacar a concepção do que são as atitudes linguísticas.

O preconceito linguístico pode ser considerado um comportamento ou atitude linguística, pois, ao fazermos juízo de valor entre determinadas línguas, dialetos, variantes etc, estamos desprestigiando uma forma e prestigiando outra.

Bagno (2015, p.156), compreendendo este fenômeno, expõe alguns comportamentos sociais que pode vir a influenciar neste processo, e afirma que as formas mais prestigiadas de uso da língua estão também fortemente relacionadas à escrita literária, razões históricas e culturais. Além disto, a gramática conservadora designa uma modalidade de língua correspondente à língua usada por pessoas cultas, no Brasil.

Nota-se, então, que o preconceito linguístico pode vir a ser fruto de ignorância, do desconhecimento da variação linguística, assim como pode ter uma manipulação ideológica, que, através do ensino gramatical da língua, interrompe o fluxo das expressões naturais, de modo a engessar suas habilidades linguísticas a uma variedade de alto valor de prestígio social: a norma culta, que é idealizada como um padrão linguístico “puro”.

Vamos, em nossos contextos de interação social, que, por mais que as pessoas vejam a

norma culta como a forma “certa” de usar a língua, uma parcela dos falantes não a usa em suas interações comunicativas espontâneas. Portanto, aquele que usa uma variedade que se aproxima da norma padrão adquire, por meio dela, certo prestígio social.

Tais concepções embasam o que os sociolinguistas chamam de *mercado linguístico*: “o discurso não é apenas uma mensagem, é também um produto” (CALVET, 2002, p.94). Ou seja, se o falante, a partir de determinado comportamento linguístico, pode vir a ter mais *status* de prestígio social, a sua arma é língua e a munição seria sua competência comunicativa, no que diz respeito à língua como instituição social; o que faz com que sejamos condicionados a concordar com Labov (2008): passamos diferenciar os falantes por seus “*status* sociais”.

Este pressuposto nos leva a pensar que determinadas trocas linguísticas em determinadas situações de interação podem trazer vantagens para alguns e desvantagens para outros, já que algumas expressões de variedades linguísticas desprestigiadas podem sofrer essa desvalorização social.

A palavra *caralho*, por exemplo, assim como a palavra *porra*, mencionadas no tópico sobre variação linguística, apresenta uma variedade de valor não pejorativo, entretanto, dependendo dos fatores que rodeiam uma de interação, ela pode ser desprestigiada.

2.3 Sociolinguística interacional e a contribuição Erving Goffman

A sociolinguística, como já visto aqui, é uma área que relaciona fortemente a língua e a sociedade. Partindo deste pressuposto, torna-se fácil deduzir que a comunicação verbal é resultado desta relação, o que faz com que ela seja pauta dos estudos dessa área de investigação linguística.

Temos, nesse cenário, no que diz respeito à comunicação verbal entre os falantes, uma interação entre indivíduos. Esta relação é explorada, de forma mais específica, por uma área denominada *Sociolinguística Interacional*, a qual, conforme Ribeiro e Garcez (2002), citado por Bortoni-Ricardo (2007), vai além daquilo que é visto em uma abordagem mais geral na sociolinguística (que são os assuntos que constituem a experiência social e histórica: sociedade), mas investiga um contexto mais específico; ou seja, o que pode emergir de uma situação de interação comunicacional face a face.

Ao analisar a interação face a face, devemos ser cautelosos quanto ao levantamento de hipóteses, pois, conforme Ribeiro e Garcez (2002), Goffman (1964) afirma que a fala não se restringe apenas aos interlocutores e à língua, mas funciona como um pequeno sistema.

Na busca de entendimento sobre esse sistema linguístico pautado na interação face a face, Goffman desenvolve o conceito de *footing*, “que ele define como uma mudança em nosso enquadre de eventos; ou uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para com os outros presentes” (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 146).

Observamos, então, que uma mudança no contexto de interação comunicacional pode interferir na construção do discurso ou no entendimento deste discurso. Ou seja, expressões que podem ser consideradas *tabus linguísticos*, mencionado por Guérios (1956), por exemplo, podem variar o seu sentido a partir destas mudanças mencionadas, podendo assumir ou não o *status* de palavrão, assim como o de adjetivo.

Portanto, com base neste pressuposto, observamos os pontos em que as áreas se

relacionam e onde elas divergem, pois, apesar de ambas utilizarem-se do meio social como fonte de dados, uma – a sociolinguística – volta a sua atenção para a comunicação verbal com a relação aos aspectos gerais das sociedades; enquanto a outra – sociolinguística interacional – analisa a comunicação verbal dentro do contexto de interação comunicacional que envolve o momento do discurso.

2.4 *Tabus linguísticos*

Para se falar de *Tabus Linguísticos*, devemos entender o que pode vir a caracterizar um tabu em seu sentido mais amplo. Guérios (1956), quanto a esta terminologia, afirma que o tabu linguístico vem a ser a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida, levando o indivíduo a, ao executar o proibido, ficar sujeito a desgraças, até com relação à coletividade. Estas analogias podem vir a impulsionar os indivíduos, ou um grupo deles, a temer o contato, gerando repulsa ou proibição.

Dentro deste contexto, vemos a presença de algumas expressões que podem ser consideradas palavras-tabu – conceito visto acima – como exemplo, *Porra, Caralho, Foda*, entre outras; pois denotam algo sexual, caracterizando o profano. Entretanto, há uma contradição quando à proibição destas expressões, pois, apesar de elas serem socialmente negadas, por partes dos falantes, Preti (1984) afirma que cada dia parece ser mais evidente a adoção de itens léxicos eróticos e obscenos por pessoas de todas as faixas etárias em situações informais.

Assim, percebemos que as expressões, apesar de serem consideradas profanas e, conseqüentemente, proibidas, um fato se contrapõe ao outro, pois há a adoção destas expressões por pessoas de todas as faixas etárias, levando-nos a crer que “as proibições tabus possuem um caráter de ambivalência psicológica. Um ato ou fato que dá prazer realiza-se simultaneamente com outro, que causa temor”. (GUÉRIOS, 1956, p.10).

Como visto acima, há a dualidade na significação que o Tabu linguístico pode trazer. Sobre o ato que dá prazer, ele pode ser observado a partir do conceito de *footing*, para explorarmos se há ocorrência a partir da mudança do enquadre de eventos; enquanto o seu temor pode ser intensificado seguindo os preceitos dos palavrões, que de acordo com Boa (2008, 21), “podemos, então, definir como palavrão um item que não é aceito pelas convenções sociais, cuja utilização em público é socialmente sancionável”; o que, a princípio, não se difere muito de Tabu Linguístico, porém, tais concepções possuem suas diferenças.

Para procurarmos entender o palavrão, buscamos o Aurélio (2010), que apresenta quatro acepções: a primeira trata-se uma palavra grande de difícil pronúncia; a segunda, um termo empolado, ou seja, um adjetivo para classificar algo que está cheio de palavras ou ideias incompreensíveis. Além destas, pode ser usada também para atos que envolvem intimidação: palavrada; por fim, pode significar também, uma expressão obscena ou grosseira.

Ainda utilizando Aurélio (2010), por obsceno entende-se que é aquilo que vai contra o pudor, ou seja, no que diz respeito à sexualidade, trata-se de algo que ofende a moral; enquanto que a expressão grosseira representa algo de qualidade inferior, que denota indelicadeza.

Vemos, então, que palavrão faz parte do grupo dos Tabus linguístico, entretanto, tem suas especificações.

No entanto, vemos que essa rejeição aos palavrões não se harmoniza com o seu

intenso uso, conforme comentado anteriormente. Em seu dicionário, Maior (1980: XIII, grifo do autor) atesta que “o mundo inteiro diz *palavrão*: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas”. [...] Um dos motivos de ainda serem inseridos em estudo secundário, prescindível e vulgar, deve-se ao fato de serem concebidos como tabus linguísticos. (ORSI, 2011, p. 355).

A partir da afirmação, tudo aquilo que é visto como Tabu linguístico é visto de modo pejorativo, por serem consideradas expressões que ultrapassam o limite da decência e da moralidade. Assim, expressões como *Porra*, *Caralho* e *Foda*, mesmo que, dependendo da sua forma de uso, não exerçam sentidos que contrariem a moral, serão julgados de tal maneira.

3 Percorso metodológico

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, a qual, ao invés de quantificar, preocupase “com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 31).

O contexto que ocorre o fato a ser investigado é elemento essencial para a compreensão do objeto a ser analisado (SILVEIRA; CORDOVA, 2009). Por isso, aplicamos um questionário aos participantes da pesquisa, com vistas a obter as informações necessárias para alcançarmos os objetivos propostos.

A partir dos dados gerados, podemos a) identificar os fatores socioculturais responsáveis por influenciar a alteração do valor semântico das expressões *Porra*, *Caralho* e *Foda*; b) observar como acontece o processo de construção de sentido destas expressões nos grupos a serem observados – Idosos e Jovens; e c) ver como suas divergências são capazes de influenciar o aparecimento do preconceito linguístico.

Para nos embasarmos teoricamente e partirmos para a investigação, fizemos um levantamento bibliográfico de livros e outras bibliografias pertinentes à sociolinguística e áreas que dialogam com ela, a fim de, posteriormente, analisar os exemplos que estimulem a compreensão da problematização e explicitar o objeto de estudo, de modo a cumprir com o objetivo desta pesquisa.

O estudo foi realizado no período de fevereiro a novembro de 2019, em regiões localizadas na área do município de Ipiranga do Piauí – PI, cidade que tem 9.782 habitantes, pertencente à microrregião de Picos e mesorregião do Sudeste Piauiense, localizada às margens da BR 316, a 272 km da capital do Piauí – Teresina (IBGE, 2018).

A população do estudo foi composta por uma seleção específica de falantes, residentes em Ipiranga do Piauí, os quais dividiremos em dois grupos: idosos que não utilizam, comumente, as expressões *Porra*, *Caralho* e *Foda*; e outro grupo que apresentam características contrárias: jovens que usam essas mesmas expressões.

A cidade de Ipiranga do Piauí, segundo o IBGE, possui 301 idosos de 60 a 64 anos. Para este estudo, aplicamos o questionário a cerca de 20 deles, para uma geração de dados mais fidedigna; do outro lado, o número de jovens mostra-se maior, totalizando aproximadamente 846. Para a pesquisa, utilizamos o mesmo número do grupo anterior.

A amostra foi composta seguindo os seguintes critérios a seguir:

- Critérios de inclusão: Falantes de língua portuguesa que possam expressar-se de forma clara quanto ao significado, que adotam para si, das expressões a serem analisadas. Eles devem pertencer à macrorregião do município, entretanto, serão mais relevantes aqueles que residem na área urbana, de idade média entre 20 a 24 e 60 a 64 anos de idade. Quanto ao grupo de jovens, para a eficácia da pesquisa, estes devem utilizar comumente as expressões no seu dia a dia; ao contrário do grupo de idosos, que não as usam comumente.

- Critérios de exclusão: Falantes que não correspondem à idade desejada e que não se expressam de forma clara, quanto aos significados, que adotam para si, das expressões em análise. Além disso, serão excluídos também aqueles não residentes do Município a ser investigado.

A geração de dados aconteceu no período de agosto a novembro de 2019, mediante a aplicação de um questionário, de perguntas abertas, aos indivíduos que se enquadraram nos critérios de inclusão.

Após os dados obtidos, junto às variáveis sociodemográficas, entre outros concernentes à pesquisa, extraímos deles fatores socioculturais que influenciam na construção do sentido das expressões *Porra*, *Caralho* e *Foda*, em ambos os grupos, para, em seguida, analisarmos se determinados fatores são responsáveis pela alteração de sentido das palavras, ao ponto de emergir o preconceito linguístico.

4 Apresentação dos resultados das análises

Como já mencionado anteriormente, este trabalho tem como principal objetivo explorar como emerge o preconceito linguístico quanto ao uso de expressões tidas como palavras de baixo-calão – *porra*, *caralho* e *foda* – a partir da identificação e investigação de fatores sociolinguísticos encontrados entre grupos de jovens (20 a 24 anos) e idosos (60 a 64 anos).

Para a obtenção dos dados, foi aplicado um questionário com questões que induziam os indivíduos a expor as suas compreensões sobre a língua e qual a importância de estudar a língua portuguesa. Além disto, buscamos suas opiniões a respeito das expressões sob estudo, como se comportavam quanto ao uso delas e com quem as usavam.

A partir da análise dos dados obtidos durante a pesquisa, identificamos que o preconceito linguístico, assim como parte de outros preconceitos sociais, partia do conhecimento que tinham sobre língua e sociedade.

Em outras palavras, independente do grupo a ser analisado, os falantes tinham atitudes linguísticas a partir das suas compreensões de língua. Esta afirmação pôde ser obtida a partir da resposta das perguntas: *O que é a língua falada para você? Você considera importante estudar a língua portuguesa? Por quê?*

Aqueles que viam a língua mais próxima do conceito saussuriano, encontrado em Calvet (2002), “língua como instituição social”, eram mais flexíveis quanto ao uso de outras formas. Já outros entendiam língua mais próxima daquilo que Calvet (1974) chamou de mercado linguístico. Para esses, a forma que o falante se expressa representa um sinal de prestígio social, o que faz com que acreditem que há uma forma certa de ser falada e, também, que estes falantes prestigiem uma variedade linguística em detrimento de outra(s).

Sabemos que as expressões aqui investigadas não se enquadram a uma forma de prestígio dentro da língua. Ao contrário disto, eles se relacionam ao conceito de tabus linguístico,

mencionado por Guérios (1956), o que faz com que o entendimento de língua, por parte dos falantes analisados, não seja o único fator sociolinguístico que altera o valor semântico das expressões, ou seja, o meio no qual os falantes se desenvolvem torna-se um forte influenciador na construção dos sentidos destas palavras.

Esta afirmação vem por parte dos dados obtidos pelos próprios indivíduos pesquisados, os quais, sem exceção, expuseram que seus pais e professores os ensinavam sobre estas expressões, relacionando-as ao conceito de palavrão, também citado por Guérios (1956), que caracteriza este conceito como parte das expressões que podem ser consideradas tabus linguísticos. Entretanto, muitos falantes usam corriqueiramente em seus ambientes mais informais, ou até no trabalho e escola. Às vezes, com sentido pejorativo; outras, expressando alguma coisa que nada tem a ver com atitude, comportamento ou sentimento negativo.

Este comportamento de interação comunicativa, em que ora a palavra expressa uma coisa e ora denota a outro sentido, pode ser analisado à luz de Erving Goffman (2002/1964), citado por Bortoni-Ricardo (2017), ao tratar sobre *footing*.

Esta atitude linguística podia ser percebida quando grande parte dos participantes afirmara que davam sentido às expressões de acordo com o enquadre de interação comunicacional em que se encontravam: Se tinham sentimentos bons, usavam expressões como “foda”, voltada para o prazer, como mostra este exemplo obtido: “Este filme é *foda!*”, empregada aqui como um adjetivo, denotando que o filme é muito bom.

Todavia, ao mudar o alinhamento da situação comunicativa que assumiam para si e para com o outros, parte dos falantes também usava tais palavras de modo pejorativo, relacionando-as ao conceito de palavrão, mencionado por Guérios (1956), pois afirmam que, por vezes, utilizam-se das expressões “porra” e “caralho” para expressarem algo ruim, ou quando, propositalmente, querem ofender algo ou alguém.

Após a identificação dos fatores responsáveis pela mudança dos sentidos das expressões, observamos que a divergência deles, dentro dos grupos estudados, intensifica ainda mais o preconceito linguístico, uma vez que os jovens, de 20 a 24 anos de idade, com um maior grau de conhecimento da língua e escolaridade, grande parte universitários, tratam a língua mais próxima do conceito saussuriano, “língua como instituição social”, e passam a respeitar mais as demais variedades linguísticas, além de usá-las com maior frequência.

Mesmo sendo ensinados pelos pais e pelo meio que são palavras de baixo calão, os jovens sabem que, comumente, são usadas denotando outro sentido, que foge da ideia de palavrão; o que faz com que as usem em várias situações comunicativas, dependendo da mudança do enquadre de eventos e no alinhamento que assumem para eles e para com os outros. Grande parte deles usa as palavras supramencionadas como adjetivos ou interjeições que demonstram sentimentos positivos e, em outras situações, também as usa com sentido pejorativo, ofensivo, ou relacionadas algo ruim.

Parte dos idosos assumia saber que as expressões mencionadas poderiam mudar seu sentido, mas foram ensinados e seguem a ideia de que elas são palavrões. Tal fato faz com que eles considerem que essas palavras não sejam adequadas para todas as suas interações e consideram-nas tabus linguísticos.

Ao considerarem uma palavra como tabu, eles, automaticamente, caracterizam-na

como algo a ser proibido. Entretanto, para parte desses idosos, há uma contradição em seu comportamento, pois, mesmo tendo essa postura quando ao uso desses termos, eles mencionam que já usaram, raramente, em situações em que elas despertavam algo negativo, como neste exemplo mencionado por um deles: “*Sai, porra!*”, que expressa raiva e é usado como repreensão ou algo nesse sentido.

Estas atitudes linguísticas praticadas pelos falantes analisados entram em consonância com Guérios (1956), para quem a proibição dos tabus linguísticos possui um caráter de ambivalência psicológica. Nesse sentido, a partir dos dados gerados, observamos que tal afirmação se relaciona com o conceito de *footing*, de Goffman (1964).

Estas constatações vão ao encontro do que Bagno (2015) propõe, pois, para ele, ao fazermos juízo de valor entre determinadas variantes linguísticas, prestigiamos uma forma e desprestigiamos outra. Desta maneira, encontramos, nos falantes, o mesmo que já tinha sido mencionado por Calvet (2002): uma espécie de norma que os faz decidir que existe uma forma certa e outra errada de se falar.

Esta afirmação pôde ser explorada, de modo mais aprofundado, a partir dos fatores sociolinguísticos identificados – o meio pelo o qual o falante se desenvolve e o enquadre de interação comunicacional em que ele se encontra – e as divergências de comportamento linguístico, entre os grupos, que são responsáveis pela mudança de sentido e uso das expressões *porra*, *caralho* e *foda*. Para esta investigação, foi solicitado, no questionário aplicado, que os participantes da pesquisa analisassem o comportamento linguístico de uma pessoa em duas situações diferentes de interação a partir da fala, expressa em forma de texto, posta no documento; mas sem que os indivíduos soubessem que estavam caracterizando a mesma pessoa.

O primeiro texto desta dinâmica diz respeito a uma situação em que o falante está entre amigos, com uma linguagem totalmente informal e usa as palavras estudadas para se comunicar. No segundo, a sua fala passa por uma espécie de “filtro social”, ou seja, o ele está expressando a mesma ideia, porém em um ambiente mais formal.

Como resultado disto, foi fácil observar que grande parte dos jovens que entendem que o falante assume vários alinhamentos para si e para com os outros de acordo com a situação de fala, responderam que as duas situações poderiam se tratar de um jovem adequando sua fala de acordo com o contexto de interação social.

Os idosos, em sua maioria, não julgaram a situação de fala, mas o *status* social do falante. No primeiro exemplo, afirmaram que quem falava era um jovem de classe baixa e que morava em um bairro periférico; no segundo, era ao contrário: alguns mencionaram que se trata de um homem de família, com boas condutas. Ou seja, para eles, quanto mais elaborada a fala, mais o indivíduo pode pertencer- ou está em potencial - a uma classe social de prestígio.

Em outras palavras, o preconceito linguístico entre estes grupos investigados está relacionado às mudanças de enquadres linguísticos e sociais, considerando a compreensão de língua e a influência do meio. Destarte, observa-se que parte dos indivíduos, principalmente aqueles pertencentes à faixa-etária de 60 a 64 anos, prestigiam uma forma linguística a outra com mais frequência que os jovens, o que faz com que, conscientes ou não, caracterizem o que Labov (2008) considera como *preconceito linguístico*.

5 Considerações finais

Com base no que foi estudado neste trabalho, uma das coisas que mais ficaram enfáticas é que não existe uma forma certa de se falar, pois, à luz de Labov (1985), é inconcebível afirmar que uma variante linguística é superior a outra, uma vez que a língua não é realizada de uma só forma, mas é tão heterogênea quanto a sociedade e suas subdivisões. Entretanto, foi possível observar que existem grupos sociais que a veem como um sistema linguístico convencionalizado, que “não se fala dessa forma, se fala de forma X”.

Este comportamento foi analisado a partir da observação da influência dos fatores sociolinguísticos identificados nos falantes pesquisados. Deste modo, pôde-se explorar como o preconceito faz parte de um comportamento ou atitude linguística deles e entre eles.

Devido à educação cultural e social, o meio torna-se um ponto de partida, seja ele familiar, escolar ou com a convivência em sociedade. Os idosos, por exemplo, aprendiam, desde cedo, que as expressões *porra*, *caralho* e *foda*, eram expressões “feias”, de baixo-calão, que não deveriam ser proferidas. Entretanto, mesmo que fizessem de modo inconsciente, eles eram ensinados a ter uma atitude preconceituosa no que diz respeito à língua, pois eram levados a acreditar que uma forma linguística era inferior a outra.

Ao comparar grupos de faixa-etária diferentes, percebemos que a compreensão que eles têm de língua vem mudando com o passar do tempo, como vimos ao explorar a mudança de enquadres linguísticos das situações comunicacionais: os idosos sempre as mencionavam em um momento de raiva, quando fosse para denotar algo ruim, pois viam as expressões como palavras tabus; já os jovens usavam-nas em várias situações, pois, para eles, as expressões tomavam sentido a partir do alinhamento da interação que assumiam para si, mesmo acreditando que são tabus linguístico.

Este comportamento entre acreditar que não podem usar estas palavras, mas, mesmo com esta crença, fazer o uso delas, pode ser o meio que leva o indivíduo a julgar outro usuário destas expressões (mesmo utilizando-as com um sentido que não denota *palavrões*).

Portanto, conclui-se que estes pressupostos, análises e considerações feitas neste trabalho tornam-se relevantes para a área da sociolinguística devido à importância de se desenvolver estudos e pesquisas voltadas para o preconceito linguístico, já que Bagno (2015) afirma que uma das formas de subverter esse preconceito é assumindo uma posição de cientista e investigador, com a finalidade de cumprir o objetivo de nos formar e nos informar sobre a causa. Ou seja, para compreendermos e notarmos a existência deste fenômeno, devemos, primeiramente, nos conscientizarmos sobre ele para, então, nos moldar para que não cometamos o equívoco de fazê-lo.

Referências

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Manual de sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2017
- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002
- CALVET, L. J. **Linguistique et colonialisme**. Paris: Payot, 1974.
- CAMERON, Deborah; KULICK, Don. **Language and Sexuality**. Cambridge: Cambridge

University Press, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. **Tabus linguísticos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1956.

GUÉRIOS, R. F. Mansur. Tabus linguísticos. *Revista Letras*, v. 5/6, 1956. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v5i0.20027>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ipuranga/panorama>. Acesso em: 4 maio 2019.

LABOV, William. **Padrões sociolinguístico**. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008

LIMA, Pereira Raquel. O ensino da língua portuguesa: aspectos metodológicos e linguísticos. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, jan./dec. 1985.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 334-348, 2011. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 23 maio 2019.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

SANDMANN, Antônio José. “O palavrão: formas de abrandamento”. **Revista Letras**, n. 42, 221-226, 1993.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-lingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.;

SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.